

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES



Devastadoras

PRETTY LITTLE LIARS

DE

SARA SHEPARD

ROCCO
JOVENS LEITORES

Devastadoras
PRETTY LITTLE LIARS
DE
SARA SHEPARD

TRADUÇÃO
FAL AZEVEDO

ROCCO
JOVENS LEITORES

Título original
BURNED
A PRETTY LITTLE LIARS NOVEL
VOL. 12

Copyright © 2012 by Alloy Entertainment e Sara Shepard

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Rights People, London.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
JOANA DE CONTI DOREA

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE.
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Shepard, Sara, 1977-
S553d Devastadoras / Sara Shepard; tradução Fal Azevedo. - Primeira edição. - Rio
de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2014.

(Pretty Little Liars; 12)

Tradução de: Burned: a pretty little liars novel
ISBN 978-85-7980-216-4

1. Ficção infantojuvenil americana. I. Azevedo, Fal. II. Título. III. Série.

14-13703

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

1

CUIDADO, SUAS MENTIROSAS

Numa tempestuosa manhã de segunda-feira no fim de março, Spencer Hastings olhou para o baú vintage da Louis Vuitton aberto sobre a cama queen size. Estava cheio de roupas que ela levaria para o Cruzeiro Ecológico que os veteranos de Rosewood Day fariam pelo Caribe – uma combinação de viagem de campo e seminário de ciência ambiental. Aquele malão fazia parte de uma longa tradição de boa sorte da família: ele pertencera a Regina Hastings, a trisavó de Spencer. Regina tinha uma reserva na primeira classe do Titanic, mas decidira ficar em Southampton por mais algumas semanas e pegar o próximo navio para Nova York.

Enquanto Spencer jogava um terceiro frasco de protetor solar no topo da pilha de roupas, seu celular fez um bipe. Um balão de mensagem apareceu na tela: era de Bagana Fredericks. *E aí, coração, o que você está aprontando?*, dizia.

Spencer procurou pelo número de Bagana em sua lista de contatos e ligou para ele.

– Estou fazendo as malas para a viagem – disse ela, quando o rapaz atendeu ao primeiro toque. – E você?

– Tomando as últimas providências – contou Bagana. – Mas estou arrasado. Não consigo encontrar minha sunga Speedo.

– Ah, tenha dó! – zombou Spencer, enrolando uma mecha do seu cabelo louro mel em torno do dedo. – Você não tem uma Speedo.

– Você me pegou. – Bagana riu. – Mas realmente *não consigo* encontrar minha sunga.

O coração de Spencer bateu um pouquinho mais rápido ao imaginar Bagana de sunga – dava para perceber, pela malha da camiseta, que ele era musculoso. A escola dele também participaria do cruzeiro, assim como vários outros colégios particulares dos estados vizinhos.

Conhecera Bagana algumas semanas antes, no jantar oferecido por Princeton para os alunos aceitos antecipadamente. Embora estranhasse o estilo hippie e maconheiro de Bagana, ficar amiga dele acabou sendo a melhor coisa que acontecera naquele desastroso fim de semana de pré-calouros no campus.

Desde que Spencer voltara para Rosewood, ela e Bagana mantiveram contato, mandando mensagens e ligando um para o outro... *quase o tempo todo*. Durante uma maratona de *Doctor Who*, telefonaram um para o outro durante os intervalos para discutir sobre os bizarros oponentes alienígenas que o Doutor enfrentara. Spencer apresentou Bagana à banda Mumford & Sons, e ele ensinou-a a curtir o som de Grateful Dead, Phish e outras bandas do gênero. Antes que percebesse, Spencer estava totalmente a fim dele. O rapaz era divertido, inteligente e, mais do que isso, não parecia se abalar com

nada. Bagana era o equivalente humano a uma massagem com pedras quentes – justamente o tipo de cara de que precisava naquele momento.

Spencer esperava que alguma coisa rolasse entre eles durante a viagem. O convés superior do navio parecia ser o cenário perfeito para um primeiro beijo emoldurado por um entardecer tropical alaranjado e brilhante. Ou talvez o beijo pudesse acontecer durante um mergulho – eles fariam aula juntos. Poderia ser enquanto estivessem nadando ao redor de um recife de coral rosa neon; suas mãos, de repente, se encontrariam debaixo d'água. Nadariam para a superfície, tirariam suas máscaras e então...

Bagana deu uma tossidinha no outro lado da linha, e Spencer corou como se tivesse expressado seus desejos em voz alta. A verdade é que não sabia exatamente como ele encarava o relacionamento dos dois – ele havia flertado com ela em Princeton, mas pelo que podia perceber, Bagana se comportava assim com todas as garotas.

No mesmo instante, uma reportagem na televisão chamou sua atenção.

MORTE NA JAMAICA:

COMEÇA INVESTIGAÇÃO DO ASSASSINATO DE JOVEM.

A fotografia de uma menina loura familiar apareceu na tela. TABITHA CLARK, informava a legenda.

– Hum... Bagana? – disse Spencer, abruptamente. – Ligo para você mais tarde.

Spencer desligou o celular com os olhos fixos na televisão. Um homem grisalho e de aparência severa apareceu em

seguida. MICHAEL PAULSON – FBI, dizia uma lenda sob o rosto dele.

– Estamos começando a juntar as pistas do que poderia ter causado a morte da srta. Clark – revelou a um grupo de jornalistas. – Até onde sabemos, a srta. Clark viajou sozinha para a Jamaica, mas estamos tentando recriar a trajetória de onde e com quem ela esteve no dia de sua morte.

Depois disso, o noticiário começou a falar sobre um assassinato ocorrido em Fishtown. Subitamente, as roupas de viagem coloridas e alegres arrumadas no baú, dobradas com tanto cuidado, pareceram perversas, ridículas. O solzinho sorridente na etiqueta do frasco de protetor solar zombava dela. Era ridículo embarcar numa viagem para um paraíso tropical como se não houvesse algo de errado na sua vida. *Tudo* estava errado. Ela era uma assassina insensível e a investigação do FBI rapidamente chegaria a ela.

Desde que Spencer e suas amigas descobriram que haviam matado Tabitha Clark – e não a verdadeira Alison DiLaurentis, como acreditaram no começo –, Spencer não conseguia respirar profundamente. Em um primeiro momento, a polícia acreditara que Tabitha havia se afogado acidentalmente, mas agora estava claro que a garota fora assassinada. E a polícia não era a única a saber disso.

O novo A também sabia.

Spencer não tinha ideia de quem o novo A poderia ser – e ele (ou ela) não parava de enviar mensagens traiçoeiras para as meninas. Primeiro, ela e suas amigas acreditavam se tratar da Verdadeira Ali – talvez ela tivesse sobrevivido à queda do deque na cobertura do hotel da Jamaica e as estivesse perseguindo para acabar com elas de uma vez por todas. Mas quando as

autoridades identificaram os restos mortais encontrados como sendo o corpo de Tabitha, as quatro se deram conta de que estiveram completamente loucas por pensar que Ali pudesse, de alguma forma, ter sobrevivido ao incêndio da casa em Poconos. Os ossos dela não tinham sido encontrados, mas ainda estava dentro da casa quando a explosão ocorreu. Não havia possibilidade alguma de a Verdadeira Ali ter conseguido sair de lá, apesar de Emily ainda se agarrar a essa teoria.

Depois, as garotas pensaram que A poderia ser Kelsey Pierce, a menina que Spencer denunciara por posse de drogas no verão anterior. Fazia sentido que fosse Kelsey: não apenas Spencer acabara com a vida dela, mas a garota também estivera na Jamaica nos mesmos dias em que as quatro.

Mas essa acabou se revelando mais uma explicação equivocada. A hipótese seguinte foi a de que A era Gayle Riggs, a mulher a quem Emily prometera – e depois desistira de entregar – seu bebê e que, no fim das contas, era madras-ta de Tabitha. O problema é que essa teoria havia sido descartada porque Gayle fora assassinada na garagem da própria casa. Sabe o que tornava tudo ainda mais apavorante? As meninas tinham certeza de que o novo A matara Gayle.

Isso era desconcertante – e assustador. Será que Gayle sabia de alguma coisa que não deveria saber? Ou A tinha a intenção de matar Spencer e as outras, em vez de Gayle? A sabia *de tudo*. Não apenas enviara fotos das meninas conversando com Tabitha durante o jantar na noite em que a mataram, como as amigas também receberam uma foto do corpo de Tabitha caído sobre a areia. Era como se A estivesse na praia, com a câmera apontada para o lugar certo, prevendo a queda fatal. A história tivera outra reviravolta estranha: Tabitha tinha sido

paciente na mesma clínica psiquiátrica em que a Verdadeira Ali estivera, ao mesmo tempo. Será que eram amigas? Teria sido por isso que Tabitha agira exatamente como a Verdadeira Ali quando a encontraram na Jamaica?

O celular de Spencer fez um bipe novamente, e ela deu um pulo, assustada. O nome Aria Montgomery apareceu na tela.

– Você está assistindo ao noticiário, não está? – perguntou Spencer, assim que atendeu.

– Estou – respondeu Aria, parecendo consternada. – Emily e Hanna estão na linha também.

– Meninas, o que vamos *fazer*? – Hanna soava histérica. – Devemos contar à polícia que estávamos no resort ou devemos ficar de boca fechada? Mas se *ficarmos* de boca fechada e *outra* pessoa contar à polícia que nós estávamos lá, vamos parecer culpadas, não vamos?

– Ei, calma aí. – Spencer deu uma espiada no noticiário. O pai de Tabitha, que também era marido de Gayle, estava na tela. Ele parecia arrasado, o que era de se esperar. Afinal, sua mulher e filha tinham sido assassinadas em menos de um ano.

– Talvez devêssemos nos entregar – sugeriu Aria.

– Você ficou completamente louca? – sussurrou Emily.

– Tudo bem, talvez *eu* devesse me entregar. – Aria se corrigiu. – Fui eu quem a empurrou da cobertura. Eu sou a mais culpada.

– Isso é ridículo! – retrucou Spencer no mesmo instante, baixando o tom de voz. – Estamos *todas* juntas nessa, você não está sozinha. E ninguém vai se entregar, entendido?

O movimento sutil de alguma coisa se mexendo do lado de fora chamou sua atenção, mas quando Spencer se aproximou

da janela, não viu nada suspeito. O noivo de sua mãe, o sr. Pennythistle, estacionara o enorme SUV na entrada de carros. A mulher que se mudara para a casa dos Cavanaugh, do outro lado da rua, estava ajoelhada junto ao canteiro de flores, arrancando ervas daninhas. E um pouco mais para a esquerda, tudo o que Spencer conseguia ver era a janela do antigo quarto de Alison DiLaurentis. Quando aquele era o quarto de Ali, as cortinas cor-de-rosa estavam sempre abertas, mas a nova dona do quarto, Maya St. Germain, mantinha as persianas sempre fechadas.

Spencer se acomodou na cama.

– Talvez não faça diferença a polícia ter descoberto que Tabitha foi assassinada. Ainda assim, não há chance alguma de os investigadores ligarem o assassinato a nós.

– Bem, a não ser que A conte para eles – advertiu Emily.
– E quem é que sabe do que A é capaz? A pode não ficar satisfeito por nos indicar como suspeitas pelo assassinato de Tabitha. A também pode nos culpar pela morte de Gayle. Nós estávamos lá.

– Alguém teve notícias de A? – perguntou Aria. – Esse silêncio desde o funeral de Gayle é muito esquisito... – O enterro tinha sido há quase uma semana.

– Nenhuma – respondeu Spencer.

– Eu também não – garantiu Emily.

– A deve estar planejando o próximo grande ataque – disse Hanna, soando preocupada.

– Precisamos impedir, antes que A venha para cima de nós mais uma vez – disse Spencer.

Hanna perdeu a calma.

– E como vamos fazer *isso*?

Spencer se inclinou sobre a cama e mexeu, nervosa, no fecho dourado do seu baú. Ela não tinha a menor ideia. Quem quer que fosse o novo A, era um maluco de carteirinha. Quem poderia prever o próximo passo de um lunático?

– A matou Gayle – ponderou Spencer, depois de um momento. – Se conseguirmos descobrir quem é A, podemos ir à polícia.

– Ah, sei, e então A vai pagar na mesma moeda, contando aos policiais sobre nós – disse Hanna.

– Talvez os policiais não acreditem em um assassino – disse Spencer.

– Sei, só que A tem *fotos* para provar suas acusações – sibilou Aria.

– Bem, mas não são fotos de nós quatro, especificamente – disse Spencer. – E, de qualquer jeito, se nós descobirmos quem é A, talvez possamos encontrar as fotos e apagá-las.

Aria franziu o cenho.

– Olha, seria um plano genial se fôssemos, tipo, James Bond. Mas, no momento, não sabemos nem *quem é A*.

– Querem saber? Essa viagem vai ser ótima para nós – afirmou Hanna, depois de um instante. – Teremos tempo para pensar.

Aria fungou, descrente.

– Você acha mesmo que A vai largar do nosso pé?

Hanna respirou fundo.

– Você está dizendo que A poderia *ir junto* no navio?

– Espero que não – disse Aria –, mas não coloco minha mão no fogo.

– Nem eu – concordou Spencer. Ela também pensara nisso, na possibilidade de A embarcar com elas. A ideia de ficar

presa no meio do oceano com um psicopata era bastante assustadora.

– Como vocês estão se sentindo com a ideia de voltar ao Caribe? – perguntou Emily, parecendo aflita. – Sinto como se eu fosse me lembrar de... bem, de tudo.

Aria gemeu.

– Pelo menos não iremos para a *Jamaica* – disse Hanna. O navio ancoraria em St. Martin, Porto Rico e Bermudas.

Spencer fechou os olhos e pensou em como estivera ansiosa com as férias na Jamaica na primavera passada. Ela e as amigas tinham tudo planejado para deixar para trás de uma vez por todas a Verdadeira Ali, as mensagens apavorantes que receberam dela e a aventura quase fatal que viveram na casa em Poconos. Spencer empacotou biquínis, camisetas e o mesmo protetor solar que acabara de colocar no baú, com o coração cheio de esperança. *Acabou!*, pensava ela. *Minha vida vai ser incrível de agora em diante.*

Ela desviou os olhos para o relógio sobre a mesa de cabeceira.

– Meninas, são dez horas. É melhor nos apressarmos. – Elas deveriam estar na doca em Newark, Nova Jersey, pouco depois do meio-dia.

– Ah, *droga!* – disse Hanna.

– Vejo vocês lá! – despediu-se Aria.

Todas desligaram. Spencer jogou o celular na bolsa de praia de lona, colocou-a no ombro e pegou o baú de cima da cama. Quando estava quase na porta, alguma coisa na janela chamou sua atenção mais uma vez.

Spencer olhou para o quintal da casa onde vivera a família DiLaurentis. Em um primeiro momento, não soube

identificar o que havia de diferente. As quadras de tênis, que os novos donos da casa haviam construído sobre o buraco no qual os pedreiros haviam encontrado o corpo de Courtney DiLaurentis, estavam vazias. As persianas de madeira na janela do antigo quarto de Ali ainda estavam fechadas. A varanda de vários níveis no fundo da propriedade, onde as meninas costumavam se reunir para fofocar e falar sobre garotos, estava limpa, sem folhas. E foi então que ela viu: havia um colete salva-vidas infantil no meio do quintal de Ali. Era listrado de vermelho e branco, como um pirulito de Natal. Amarrado no colete, estava um pergaminho como os que Johnny Depp carrega em *Piratas do Caribe*, no qual se lia OS MORTOS NÃO CONTAM MENTIRAS.

Spencer sentiu um gosto ruim na boca. Ainda que não houvesse alguém por ali, teve o pressentimento de que aquela era uma mensagem muito clara de A.

Trate de cuidar de sua preciosa vida, A parecia estar avisando, caso contrário, posso fazer você caminhar pela prancha.